

**“O complexo de si”: limites e aspirações de acadêmicos do curso de Pedagogia
ofertado no PA Luiz Inácio, Paragominas, Pará**

*The “self-complex”: limits and aspirations of academics from the Pedagogy course
offered at PA Luiz Inácio, Paragominas, Pará*

Genisson Paes Chaves
Fagner Freires de Sousa
Gutemberg Armando Diniz Guerra
Universidade Federal do Pará –UFPA
Belém-Brasil

Resumo:

O artigo analisa as dificuldades de uma turma de acadêmicos do curso de graduação em Pedagogia com atuação no Projeto de Assentamento Luiz Inácio/PA. Fez-se um estudo de caso buscando compreender os desafios e como estes são superados pelo grupo em questão. Os resultados indicaram que os problemas vivenciados no Ensino Médio se refletem na timidez, insegurança e dificuldades na escrita desses discentes que acreditam não estar mais “no tempo” de estudar e que creem que não vão conseguir dar prosseguimento aos seus estudos. Na prática, isso revela o *habitus* camponês que por sua vez, manifesta a distinção da qual o grupo luta para quebrar. A possibilidade de melhorar de vida, ajudar os filhos nas atividades escolares e fazer com que estes não reproduzam o caminho percorrido pelos pais e avós, contribui para que o percurso dos estudos destes camponeses não seja interrompido.

Palavras-chave: Educação; Sociedades camponesas; Amazônia.

Abstract: In this text, the main difficulties experienced by a group of undergraduate students in Pedagogy, from an Educational Center that operates in a Settlement Project in the State of Pará, are identified and analyzed. We do a case study based on interviews and direct and participant observation, seeking to understand the challenges and how they are overcome by the group of academics from the Luiz Inácio Settlement Project, in Paragominas, Pará. The results indicated that the problems experienced during high school are reflected in shyness, insecurity, in the fear of speaking in public, in difficulties in writing and in the almost inexistence of reflection and criticism on the part of those students who believe they are no longer “in time” to study and who believe that they will not be able to continue their studies. In practice, this reveals the peasant *habitus* which, in turn, manifests the distinction which the group struggles to break. Even so, the possibility of improving their lives, obtaining good work placements, helping their children with school activities and making sure that they do not reproduce the “path” taken by parents and grandparents, contributes to these peasants not to interrupt their studies.

Key-words: Education; peasant societies; Amazon.

Introdução

“Estou estudando Pedagogia porque eu gosto e também pelo futuro dos meus dois filhos e dos meus pais”.

Esta é uma narrativa que ilustra a percepção de uma dona de casa, mãe de dois filhos, mulher de 27 anos, cuja mãe estudou até a 7ª série do ensino fundamental e o pai, a 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Apreende-se que é pela via educacional que esta mulher e os demais sujeitos deste estudo, buscam transformar suas vidas e a de seus familiares.

A educação é um artifício imprescindível para o desenvolvimento dos seres humanos, faz parte da condição humana e dá forma a um processo dinâmico e inacabado, muitas vezes, suscetível a erros e a ilusões. De acordo com Morin (2011, p. 19) “o conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo”, mas uma tradução dos fatos, da vida, “o lugar que permite potencializar nossa experimentação da cultura” (ALMEIDA, 2014, p. 86).

Como assevera Brandão (2013, p. 7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

No entanto, a educação formal não é um processo fácil. Para muitos é um caminho árduo, muitas vezes, interrompido, seja pela falta de possibilidades, seja pela ausência de condições mínimas necessárias. E sem esta, o caminho percorrido por cada um se releva mais penoso. Por isso, estudar é um sonho, para muitos, quase impossível de se obter, especialmente quando se refere ao ensino superior, o qual não chega a todos os lugares, como a educação básica, por exemplo, que por si é escassa e incipiente em diversos lugares, especialmente na Amazônia.

No intuito de construir uma trajetória que seja menos árdua do que a percorrida por seus pais, muitos indivíduos fazem o possível para dar continuidade aos estudos, pois consideram o capital social, cultural e econômico (BOURDIEU e PASSERON, 2009) desvantajoso. Por isso lutam para romper a distinção (BOURDIEU, 2007) que os marca social e simbolicamente e os distancia das oportunidades que as instituições sociais oferecem.

A distinção, conforme Bourdieu (2007), classifica as pessoas de maneira hierárquica, o que acaba por inferiorizar e tratar como de menor valor práticas que se diferenciam das

consideradas como mais adequadas ou certas, ou seja, as ligadas aos gostos e modo de ser das classes dominantes. Nesse sentido, a distinção pode ser percebida no que Bourdieu denomina de *habitus*, que de acordo com Alves (2008, p. 5):

No *habitus* encontra-se inserida toda a estrutura do sistema de condições ou disposições possíveis, fundamentando as estruturas das diferenças. O *habitus* é o que faz um agente ser detentor de um gosto, porque as preferências estão associadas às condições objetivas de existência.

A obtenção do nível superior é um sonho que no imaginário social dos sujeitos aqui analisados, poderá fazer com que os mesmos tenham mais chances de conseguir uma ocupação que os ajude a ascender social e economicamente, para assim, poder ajudar os demais membros da família a melhorar a qualidade de vida. Pois uma das principais características das sociedades camponesas é pensar no futuro da família, ou seja, na qualidade de vida dos membros da unidade familiar.

Conforme a socióloga Wanderley (1996, p. 4):

Para além da garantia da sobrevivência no presente, as relações no interior da família camponesa tem como referência o horizonte das gerações, isto é, um projeto para o futuro. Com efeito, um dos eixos centrais [...] é a expectativa de que todo investimento em recursos materiais e de trabalho despendido na unidade de produção, pela geração atual, possa vir a ser transmitido à geração seguinte, garantindo a esta, as condições de sua sobrevivência... Combinando os recursos que dispõe na unidade de produção com aqueles a que pode ter acesso fora do estabelecimento [...] a família define estratégias que visam [...] assegurar sua sobrevivência imediata e garantir a reprodução das gerações subsequentes.

Nesse sentido, é perceptível que como o bem-estar dos membros da unidade familiar é o cerne desta sociedade, investir na educação é buscar construir um futuro que possa garantir a manutenção da própria família. Assim, o sonho de concluir o nível superior é uma constante na vida dos sujeitos sociais aqui analisados.

O presente artigo faz uma análise sobre as dificuldades e os principais desafios que um grupo de estudantes do curso de Pedagogia de um centro educacional da rede privada, que tem atuação em diversos municípios do Estado do Pará, como Paragominas, Irituia e São João do Piriá, vem enfrentando. São ressaltadas as experiências com a turma do polo Luiz Inácio, localizado no Projeto de Assentamento Luiz Inácio, em Paragominas, Pará.

A opção por este tema deriva das experiências de um dos autores enquanto professor do curso supracitado, que em março de 2017, foi convidado a ministrar aulas para o curso de Pedagogia no polo de Luiz Inácio e posteriormente, no polo da Colônia Nova Formosa, ambos localizados no município de Paragominas, no estado do Pará.

“O complexo de si”: limites e aspirações de acadêmicos do curso de Pedagogia ofertado no PA Luiz Inácio, Paragominas, Pará

Como recorte metodológico, as análises aqui ressaltadas evidenciam as experiências com o grupo de acadêmicos do polo de Luiz Inácio. Neste, a primeira experiência foi como professor da disciplina “Introdução à filosofia” e, posteriormente, por meio das seguintes: Sociologia Geral, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, Antropologia Cultural, Ética e Cidadania e por último, História das religiões. As aulas ocorriam aos sábados e aos domingos. Cada encontro totalizava doze horas de trabalho realizado em sala de aula e era acrescido por atividades desenvolvidas nas casas, como exercícios e produção de texto.

O trabalho foi elaborado com base em um estudo de caso (BECKER, 1994), mediante observação direta e participante e por meio de entrevistas semiestruturadas (BEAUD e WEBER, 2007) realizadas com os acadêmicos do curso de pedagogia; com a coordenação do polo; e com um dos professores do curso. As entrevistas informais e a observação direta e participante foram realizadas nos meses de março a novembro de 2017. As entrevistas formais durante o mês de fevereiro de 2018, com dez acadêmicos do curso supracitado. E em março de 2018 foi realizada uma entrevista com a coordenação do polo Luiz Inácio.

O Projeto de Assentamento Luiz Inácio

Luiz Inácio é um Projeto de Assentamento rural que se localiza no município de Paragominas, Estado do Pará, a aproximadamente três horas e trinta minutos de distância de ônibus do município sede. O assentamento engloba aproximadamente 900 famílias que, econômica e socialmente, vivem do trabalho na roça, especialmente do plantio da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e da pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L), além do desenvolvimento da pecuária, criação de galinhas e porcos. Somam-se a estas atividades, a venda nos comércios e bares locais, bem como o trabalho realizado na escola e na unidade de saúde local.

Conforme Cleber Santos *et al.* (2015, p. 26-27):

A maioria das famílias é originária de municípios próximos ao assentamento [...] Como Nova Esperança do Piriá, Garrafão do Norte, cidades do Maranhão, Capitão Poço, Paragominas, Ourém e demais cidades do Brasil. As principais fontes de renda [...] São provenientes de atividades agropecuárias oriundas dos estabelecimentos próprios, auxílios do governo, venda de mão-de-obra, salário formal, aposentadoria e pensão. Em média, a renda das famílias do Assentamento está em torno de R\$880,00 mensais. As principais atividades produtivas implantadas logo na chegada dos agricultores no lote [...] foram a roça de mandioca, o milho, o arroz, o feijão, a pimenta-do-reino e outras culturas.

Em termos de infraestrutura, Luiz Inácio possui uma escola, que oferta da Educação Infantil ao terceiro ano do Ensino Médio, uma creche, um posto de saúde, mercadinhos,

pequenas lojas de roupas, alguns bares e duas igrejas. Os meios de transporte mais utilizados são motos e bicicletas; as moradias são construídas de alvenaria ou de madeira e são cobertas por telha de barro, predominando as de apenas um andar; todas as casas possuem energia elétrica e água encanada; e algumas, dispõem de acesso à rede de internet.

As relações do dia a dia se dão no contato direto, ou seja, face a face. De modo geral, todos se conhecem e tem uma visão ampla do assentamento. Normalmente há o predomínio de uma calmaria que preenche o lugar, apenas quebrada pelas músicas oriundas dos bares, residências e de uma casa de show localizada às proximidades de um pequeno córrego que corta uma parte do assentamento.

Os acadêmicos do curso de pedagogia e as dificuldades vivenciadas

Diversos são os problemas enfrentados pela turma de pedagogia do polo Luiz Inácio. Essas dificuldades vão desde a falta de segurança advinda do medo de falar em público, refletir, se expor, escrever e discernir as próprias ideias. Mas quem são esses sujeitos?

Donas de casa, mães e pais de família, solteiros ou casados, com ou sem filhos, agricultores e agricultoras ou filhos e filhas de agricultores que no geral, passaram certo tempo longe do ambiente escolar. Alguns concluíram o Ensino Médio no ano de 1996, outros, em 2016. Possuem entre 20 a 46 anos de idade e vivem na vila Luiz Inácio, na colônia Nova Formosa e na colônia Ribeirão, ambas localizadas no município de Paragominas. Moram com os pais ou com as famílias que constituíram.

O cotidiano destes sujeitos é preenchido com os afazeres domésticos, especialmente aos ligados aos cuidados da casa, da prole, dos animais domésticos e das pequenas hortas de quintal; para outros também acontece no preparo do pão caseiro, na merenda ou na limpeza da escola, bem como no trabalho na roça. São sujeitos polivalentes, que constroem o cotidiano a partir de diversos tipos de ocupações laborais. Abaixo, esse cotidiano é ilustrado conforme as narrativas:

Durante o dia organizo a casa e faço as refeições, o tempo livre durante o dia ou a noite leio livros ou assisto programas que tem assuntos construtivos e que fazem as pessoas refletir, como por exemplo, os conteúdos da TV Escola. Quando vou para a roça, não faço as outras atividades (A., 22 anos, agricultora).

*“O complexo de si”: limites e aspirações de acadêmicos do curso de Pedagogia ofertado no PA
Luiz Inácio, Paragominas, Pará*

Acordo cedo, faço café da manhã, vou trabalhar, como moro sozinho, minha rotina é essa, de casa para o trabalho e vice versa, e estudo, geralmente um final de semana ao mês (A., 22 anos, auxiliar de serviços gerais).

O meu dia a dia é assim, sete horas da manhã já estou na escola preparando a merenda dos alunos, nove horas vou servi-la e depois de todos lanchados, vou lavar os pratos, os panelões e limpar a cozinha. Na parte vespertina as atividades começa tudo de novo (M., 33 anos, merendeira).

Durante o dia trabalho cultivando a terra, plantando maniva de mandioca, abro lenha, faço pão a noite e vou ao colégio vigiar (L., 44 anos, agricultor e vigia).

De modo geral, são sujeitos sociais que possuem rico conhecimento sobre a agricultura e a natureza e possuem uma maneira própria de se expressar e de compreender o universo social que fazem parte. Essa maneira própria de se expressar está ligada ao modo de falar local, bem como no traje de vestimentas simples. São sujeitos detentores de outras pedagogias (ARROYO, 2012), ou seja, histórias, experiências baseadas em múltiplas vivências, saberes e identidades que esculpem um modo de viver próprio.

Estes indivíduos se reproduzem (GARCIA JUNIOR, 1983) no campo, um lugar permeado de diversos sentidos e significados, no plano material e simbólico. Para estes sujeitos:

O campo [...] mais do que um perímetro não-urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana. Assim focalizada, a compreensão de campo não se identifica com o tom de nostalgia de um passado rural de abundância e felicidade que perpassa parte da literatura, posição que subestima a evidência de conflitos que mobilizam as forças econômicas, sociais e políticas em torno da posse da terra (BRASIL, 2013, p. 267).

No geral, estudaram em escolas públicas, localizadas no próprio assentamento, por meio do sistema modular de ensino e/ou na sede do município de Paragominas. Relataram que o ensino fundamental e o ensino médio foram permeados por graves problemas, entre os quais, destacaram a constante falta ou atraso de professores e a inexistência de materiais didáticos adequados e/ou ligados às suas especificidades. Evidenciaram que pouco ou quase nunca tiveram aulas voltadas para suas realidades, ou seja, enquanto sujeitos do campo. Devido a essas dificuldades, muitos não concluíram o Ensino Médio durante os três anos, um problema especialmente ligado à falta de professores para ministrar disciplinas que compõem a matriz curricular do ensino médio.

Segundo suas narrativas, no Ensino Fundamental e no Médio, muitos professores se atrasavam, saíam mais cedo ou simplesmente não davam aula, passavam o tempo das aulas versando sobre suas vidas ou assuntos que não condiziam com os conteúdos que deveriam abordar. Uma acadêmica (A., 22 anos, agricultora) relatou que suas aulas de química durante o ensino médio, consistiram em transcrever um conteúdo de um livro de química para o seu caderno. Relato similar evidencia que um dos professores, que apresentava sinais de depressão, passava grande parte do tempo calado e olhando para baixo, sem ministrar suas aulas.

[O ensino médio para mim] foi cansativo, pois trabalhava de dia e estudava a noite, reprovei duas matérias por erro da escola (D., 20 anos, zeladora de escola);

A diferença [do médio para a faculdade] é que alguns professores do médio não estão nem aí com [a] aprendizagem dos alunos, enquanto os professores do nível superior se preocupam mais em ensinar (M. 33 anos, merendeira).

Vale ressaltar que durante a formação básica, muitos foram os professores que buscaram desenvolver a docência de forma ética e comprometida com uma educação de qualidade e de transformação da realidade social. Por isso não cabe afirmar, como ressalta Souza *et al.* (2013, p.6016) que a culpa dos problemas educacionais está apenas no professor, no aluno, no sistema ou em qualquer outro fator, bem como não cabe acreditar que a solução para todos os esses problemas está, apenas em adotar, nas práticas de sala de aula, a atual tendência pedagógica ou recorrer aos projetos emergentes e às diversas modalidades de ensino existentes.

Portanto, os acadêmicos do curso de Pedagogia são alunos que possuem o sonho de obter o ensino superior para atuar principalmente como professores ou na área administrativa da escola, além de outras ocupações laborais. São estudantes que veem no curso de Pedagogia, uma possibilidade para sair da vila; visam alcançar uma boa colocação no mundo do trabalho, no sentido de melhorar suas condições de vida ou, simplesmente, ajudar os filhos nos afazeres escolares, com mais segurança e conhecimento a respeito de determinados assuntos; ou mesmo, permanecer nas comunidades e vilas, mas agora com o nível superior, para trabalhar nas escolas ali estabelecidas, como professores, secretários, dentre outras ocupações.

“O complexo de si”: limites e aspirações de acadêmicos do curso de Pedagogia ofertado no PA Luiz Inácio, Paragominas, Pará

Visam quebrar a “distinção” (BOURDIEU, 2007) que os marca social e simbolicamente, muitas vezes, como seres ignorantes e incapazes. Essa visão, em parte é construída pelas “gentes” da cidade ou mesmo por muitos camponeses do PA Luiz Inácio.

Na visão da turma, o curso de pedagogia foi uma importante chance de cursar o nível superior, já que para muitos, não há como ir para a cidade de Paragominas estudar, na medida em que assumem outras funções, que exigem sua permanência na comunidade, como os cuidados da casa, dos filhos, os trabalhos na roça ou em outros ambientes, como a escola. Além disso, também não possuem condições financeiras suficientes para a permanência no município sede ou em qualquer outro. Essa situação é ilustrada pela narrativa seguinte:

Meu pai não ia me mandar pra cidade para estudar porque além de ser perigoso, ele não tem dinheiro pra isso, ele considera que quem faz faculdade é rico. Ele disse que os filhos iam continuar a estudar enquanto houvesse estudo aqui [em Luiz Inácio] (A., 22 anos, agricultora).

Conforme um dos coordenadores do polo de Luiz Inácio e da colônia Nova Formosa, a ideia de trazer o curso de Pedagogia para a zona rural aconteceu da seguinte forma:

O que me motivou a trazer o curso de pedagogia foi a dificuldade que eu tive ao fazer minha graduação e a falta de profissionais capacitados para exercer tarefas educacionais, já que essas pessoas não são da comunidade e vendo a necessidade que minha comunidade se encontrava entrei em contato com duas instituições de ensino e uma se interessou em formar um polo na vila Luiz Inácio. Fizemos as inscrições e posteriormente as provas de entrada no curso. Eu sofri muito no meu deslocamento até outro município para estudar e não queria que ninguém passasse pelo mesmo (B, 30 anos, Pedagogo, Coordenador do polo Luiz Inácio e Colônia Formosa, morador da Colônia Formosa).

Muitos desses estudantes são de famílias analfabetas ou de baixa escolaridade, o que não significa que são desprovidos de saberes (SOUZA et al., 2013, p. 6019). Mesmo assim, não querem que os filhos passem pelos mesmos processos que os avós passaram. E como são os primeiros da família a cursar o nível superior, estudam para ampliar seus horizontes e para poder ajudar os filhos e os netos nas tarefas escolares, bem como para “ensiná-los a fazer as tarefas escolares com mais segurança” (N., 36 anos, auxiliar de serviços gerais). Por isso, tentam buscar oportunidades para si e para os filhos, pois não querem que os filhos reproduzam (BOURDIEU e PASSERON, 2009) esse modo de viver considerado como árduo e penoso, ou seja, o de trabalhar na roça.

Do Ensino Médio para o curso de Pedagogia: os desafios

Os acadêmicos do curso de pedagogia ressaltaram que sentiam muitas diferenças na passagem do ensino médio para a graduação em Pedagogia. Seus relatos evidenciaram que no Ensino Médio não eram ensinados a pensar, mas apenas a assimilar os conteúdos sem, contudo, debetê-los e, portanto, se posicionar sobre os mesmos. Essa visão é ilustrada na seguinte narrativa:

[meu ensino médio] foi razoável, porque faltavam bastante professores, os assuntos eram muito resumidos e alguns professores eram muito ruins explicando os assuntos, trabalhavam poucos dias na comunidade (A., 22 anos, agricultora).

Poucos foram instigados a demonstrar seus pontos de vistas em relação aos assuntos trabalhados durante o Ensino Médio. Na faculdade de Pedagogia evidenciaram dificuldades de se posicionar, de verbalizar o que está no texto e de tecer críticas, já que no Ensino Médio poucos foram os professores que abriram espaços para o diálogo e para a reflexão.

A reflexão é, portanto, um elemento que passa a ser ressaltado em seu *habitus* (BOURDIEU, 2007) já no curso de graduação, trazendo transformações significativas. Marca, portanto, um rito de passagem, como pode ser notado no relato de alguns discentes:

*Estou mais comunicativa, expressiva, reflexiva, crítica com os assuntos de relações sociais [...] percebi diferença na escrita, com a forma de ensino dos professores que é melhor do que a do ensino médio, a capacidade de aquisição do conhecimento, que estou tendo [é] bem mais sucedida no curso [de pedagogia do que na época do ensino médio] (A., 22 anos, agricultora).
Os docentes do médio não tinham a mesma maneira de ensino. Os mestres do ensino superior despertam melhor a visão do conhecimento (L. 44 anos, agricultor e vigia de escola).*

Devido ter como base uma formação que pouco desenvolveu o debate e a reflexão durante o ensino médio, hoje esses acadêmicos se sentem muito inseguros ao falar em público, por isso, preferem ficar calados, pois assim, não correm o risco de “falar besteira ou algo que não tenha nada a ver [com o que está sendo debatido]”, como resalta a discente M., de 33 anos.

Essa mesma acadêmica revela que tem dificuldades na escrita e na leitura, destacando a interpretação textual, o que a faz não se sentir confiante a participar dos debates em sala: “Não me sinto bem confiante, pois tenho medo de não conseguir, [por isso]

“O complexo de si”: limites e aspirações de acadêmicos do curso de Pedagogia ofertado no PA Luiz Inácio, Paragominas, Pará
procuro me aprofundar bastante nas leituras com auxílio de muitos livros” (M. 33 anos, merendeira).

Portanto, esses discentes têm medo de falar em público, de debater os assuntos de sala de aula, pois se sentem incapazes e com medo de se expor. Essa postura se coaduna ao que o sociólogo francês Pierre Bourdieu analisou em um grupo de camponeses franceses:

[...] o camponês é levado a introjetar a imagem que os outros fazem dele, mesmo quando se trata de um mero estereótipo. Passa a perceber seu corpo como corpo cunhado pela impressão social, como corpo *empaysané*, rude, carregando o traço das atitudes e atividades associadas à vida camponesa. Em consequência, fica embaraçado em relação a seu corpo e em seu corpo. É por aprender seu corpo, como corpo rude que toma consciência de ser camponês rústico. (BOURDIEU, 2006, p. 87).

Bourdieu (2006, p. 87) considera que “o temor do ridículo e a timidez estão ligados a uma consciência penetrante de si mesmo e de seu corpo”. Destaca que essa aversão da imagem de si “nada mais é do que uma manifestação dessa consciência penetrante da condição camponesa” (BOURDIEU, 2006, p. 87), revelando uma espécie de mal-estar que se corporifica, no caso, na sala de aula, inibindo a espontaneidade dos estudantes. O camponês cria um complexo de si mesmo e acaba por se tornar uma espécie de juiz de si mesmo e dos demais.

Sobre as dificuldades, um acadêmico ressaltou que: “bem, eu na verdade ainda não sei como [superá-las], mas está diminuindo a cada apresentação, [por meio da] força de vontade, de querer fazer, se superar a cada dia, cada dificuldade”. O acadêmico reitera que é preciso ir “praticando, enfrentando seus medos, porque a questão do nervosismo, pelo menos para mim vai passando a cada vez que eu apresento em sala de aula” (A., 22 anos, auxiliar de serviços gerais).

No decorrer das aulas, os estudantes começaram verbalizando breves palavras, outros, permaneciam em total silêncio, um tipo de silêncio constrangedor, seja para a pessoa que era incentivada a falar, bem como para os colegas. Na prática, esse silêncio expressa a ideia de que as pessoas tem medo de falar, muitas vezes, porque não entenderam o conteúdo ou, se entenderam, preferem ficar caladas, para não se expor, não errar, não ser “julgado”. Muitos interpretam a sala de aula como um “tribunal”, já que partem do princípio de que qualquer fala, qualquer vacilo será julgado e, por conseguinte, condenado pelos olhares e gestos dos próprios colegas.

Por outro lado, o silêncio revela as dificuldades do ensino público, na medida em que, muitas vezes, não emancipa (FREIRE, 1996) os estudantes. O silêncio diz muito sobre a condição da educação brasileira, particularmente a da zona rural, um tipo de educação que, como visto na sociedade aqui evidenciada, padece de diversos problemas, pois ficar em silêncio é não sair da zona de conforto, é não ariscar, não se expor, não ser vítima do peso da sociedade (DURKHEIM, 1999) que se metamorfoseia nos olhares, nos gestos (MAUSS, 1974).

Por isso, o jeito acanhado, o medo de errar, por que “quem sabe é o professor” e os estudantes não querem se expor e passar pelo ridículo, ou seja, “falar besteira”. Esse “falar besteira” traduz a própria interpretação que esses sujeitos têm de si. Assim, se faz necessário, mudar as ideias enraizadas que esses estudantes têm de si mesmos, do seu contexto, do seu modo de ser, ou seja, quebrar esse estigma, essa distinção que recai sobre esse grupo social historicamente marginalizado.

Nesse sentido, percebe-se a necessidade de um processo educativo que valorize a diversidade cultural e oportunize o reconhecimento da pluralidade de conhecimentos, como pontuam Souza et al. (2013):

Diante desse desafio, torna-se indispensável o desenvolvimento de um processo educativo que valorize a diversidade cultural. Entende-se que dessa forma poderemos criar um ambiente rico em criatividade, criticidade, consistência, problematizando e refletindo em parceria e cooperação na formação de cidadãos que venham a contribuir com o mundo. Nesse sentido, podemos afirmar que um dos maiores desafios dos estabelecimentos de ensino está em assegurar o diálogo e a religação entre os diferentes saberes no processo de construção do conhecimento como possibilidade de internalizar uma postura ética diante do mundo. (SOUZA et al., 2013, p. 6016).

Materiais e conteúdos trabalhados em sala

As aulas do curso de Pedagogia inicialmente ocorriam no prédio da Associação dos Produtores e das Produtoras Rurais do Projeto de Assentamento Luiz Inácio e posteriormente passaram a ocorrer na creche local. O prédio da Associação é uma construção de alvenaria, coberta com telha de barro e dispõe de um salão, uma cozinha, um pequeno quarto, dois banheiros, além de dois pequenos compartimentos que funcionam como depósito de mesas, cadeiras, dentre outros objetos.

As aulas ocorriam na sala principal do prédio. Neste ambiente, os alunos organizavam o espaço com mesas e cadeiras de plásticos, colocando-as uma ao lado da outra. Cada mesa comportava quatro pessoas. Logo no início, a Faculdade não possuía um quadro de estudos

“O complexo de si”: limites e aspirações de acadêmicos do curso de Pedagogia ofertado no PA Luiz Inácio, Paragominas, Pará

e após este ser adquirido, inicialmente era encostado na parede da Associação, por duas cadeiras de plástico, posteriormente, foi afixado na parede do prédio.

No geral, as aulas iniciavam-se às oito horas da manhã e se estendiam até as doze; o retorno era das treze às dezessete horas e aos domingos, das oito às doze da manhã. E como ocorriam aos finais de semana, era bastante comum as aulas acontecerem ao som de música alta, que vem de uma casa de show local, o que certamente atrapalhava a concentração nas atividades desenvolvidas. Soma-se a isso, o fato de pessoas (parentes ou conhecidos), interromperem as aulas para irem falar com os estudantes para tratar de assuntos pessoais.

Os textos trabalhados em sala de aula eram simples, retirados de sites cujos conteúdos se destinavam ao ensino médio e/ou fundamental; outros eram artigos científicos, extraídos de revistas, bem como capítulos de livros acadêmicos. Eram pequenos artigos, entrevistas e matérias que versavam de uma maneira direta e clara os conteúdos abordados. Mesmo assim, eram latentes as dificuldades.

Nas aulas quase sempre eram utilizados exemplos do cotidiano camponês, compartilhados por seus próprios sujeitos, como por exemplo, a casa de farinha, o trabalho na roça, os processos de sociabilidades tecidos nos banhos de igarapé, nas festas locais, nas igrejas, as partidas de futebol, as interações interculturais de Luiz Inácio com vilas e comunidades circunvizinhas a esta. Eram constantemente evocados para que os acadêmicos pudessem perceber a sociologia, a antropologia, a pedagogia, dentre outras ciências, acontecendo no ramal, nas ruas, nas conversas paralelas.

Souza *et al.* (2013, p. 6013-6014) ressaltam que “as outras formas de saber que não são cientificamente comprovadas, as histórias da tradição, a literatura, os mitos e outras narrativas também trazem elementos que nos permitem entender o mundo, compreender fenômenos e aprender valores humanos.”.

Na prática, permitia aos acadêmicos trabalhar com reflexões próximas e a partir de exemplos do seu cotidiano. Por isso, essa era uma tentativa de “(...) situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se anuncia” (MORIN, 2011, p. 34). Ou seja, o saber pelo saber não serve de nada, mas deve ser aplicado, internalizado e reconhecido pelos sujeitos sociais.

A metodologia da sala de aula e as formas de avaliação

Os materiais utilizados em sala de aula eram previamente disponibilizados em um grupo de um aplicativo móvel utilizado pelos acadêmicos do curso de pedagogia, assim como impressos e geralmente levados pela coordenação do curso no dia em que as aulas ocorriam. Em sala de aula, era dado um tempo, cerca de quarenta minutos para que os acadêmicos pudessem realizar uma leitura inicial do material em questão. Após esse tempo, indagava-se acerca do que os mesmos compreendiam a respeito do assunto tratado.

Em seguida, um por um dos acadêmicos realizava a leitura dos textos e após o término desta, os mesmos eram incentivados a refletir sobre o que era lido. Essa metodologia, por mais óbvia que aparente ser, evidenciava muitas dificuldades. Como dito anteriormente, os acadêmicos do curso de pedagogia, de maneira geral, tiveram uma formação que pouco incentivou a reflexão e essa é uma das maiores dificuldades a enfrentar, seja na escrita, bem como na fala.

As observações participantes evidenciaram que de maneira geral, os sujeitos tinham medo de falar, pois aparentemente possuíam baixa autoestima, o que fazia com que portassem o discurso de que não conseguiriam fazer as atividades e chegar ao final do curso. Alguns acadêmicos afirmavam, especialmente os mais velhos, que já não há mais jeito, que estão velhos demais para os estudos ou que as dificuldades eram enormes e que eles possivelmente não iriam conseguir vencê-las.

Sinto dificuldades devido o tempo parado, às vezes, penso que não vou conseguir concluir [o curso de pedagogia]. Penso em dar continuidade, penso ser uma vovó informada, com conhecimento para repassar para meus netos lindos. Hoje tenho uma outra visão do mundo, cada aula aprendo um pouco mais, repasso para meus filhos cada conhecimento adquirido (N., 46 anos, auxiliar de serviços gerais).

Souza *et al.* (2013, p. 6018) destacam que “quando reconhecemos que os outros têm muito a nos dizer, passamos a respeitar os seus saberes, compartilhar experiências, tolerar a diversidade, aceitar as diversas linguagens e a ser humilde diante da vida”. Assim como também, a compreender mais as suas dificuldades, seus medos e os constantes desafios perante um universo relativamente novo: o do ensino superior, com todas as suas características, provocações e formalidades.

Por tais motivos, os acadêmicos, segundo as experiências aqui evidenciadas, não foram reprovados, com raras exceções, pois o contexto de dificuldades clamava por certa

*“O complexo de si”: limites e aspirações de acadêmicos do curso de Pedagogia ofertado no PA
Luiz Inácio, Paragominas, Pará*

sensibilidade. No entanto, os trabalhos que apresentavam muitos problemas (praticamente todos), seja pela falta de embasamento ao construir as ideias e devido a erros gramaticais, geralmente eram devolvidos para que os acadêmicos pudessem refazê-los.

Devido ao fato de que o “professor constitui-se numa referência privilegiada para a construção da visão de mundo e da estrutura de pensar do aluno, diga-se, do cidadão planetário” (ALMEIDA, 2014, p. 90), os acadêmicos de pedagogia sempre eram levados a pensar sobre sua condição humana (MORIN, 2011), ou seja, a se perguntar sobre seu lugar no mundo, sobre o que fazem ali, o que querem para suas vidas, como pessoas, como professores. Também sempre eram incentivados a autoavaliação, ou seja, a fazer o exame de introspecção de si.

A prática mental do autoexame é necessária, já que a compreensão de nossas fraquezas ou faltas é a via para a compreensão das do outro. Se descobirmos que somos seres frágeis, frágeis, insuficientes, carentes, então podemos descobrir que todos necessitamos de mútua compreensão (MORIN, 2011, p. 87).

Esses momentos eram geralmente acompanhados por profundas reflexões, por colocações, da parte dos acadêmicos sobre a importância da educação e do quanto eles não estavam preparados para exercer tal ofício. No entanto, assinalavam a busca de se esforçar cada vez mais, de ler mais para melhorar a escrita, a fala, para assim, tentar ser um bom professor, um profissional de excelência ou ao menos, uma pessoa mais consciente de si e dos problemas locais e globais.

Considerações finais

Diversos eram os problemas vivenciados pelos acadêmicos do curso de pedagogia de Luiz Inácio. E como visto, alguns desses perpassavam a escrita e a fala, revelando sujeitos sociais que inicialmente, na sala de aula, pouco falavam, pois tinham relativo medo de errar e de passar por uma suposta situação constrangedora. Esse medo de errar é um traço de nossa herança cultural, que vê o erro como algo abominável e que, a todo custo, deve ser evitado.

No entanto, os seres humanos são imperfeitos e estão suscetíveis ao erro e embora isso aparente ser óbvio, muitas vezes, é suprimido no processo educacional, por isso, a ideia de vergonha e de “falar besteira”. E essa falha, certamente deve-se ao fato de que o ser humano não compreende sua própria condição humana, como diria Edgar Morin (2011).

Mesmo assim, o sonho de concretizar a obtenção do nível superior para ajudar a família a mudar de vida, ampliar os horizontes, a quebrar o estigma que marca social e

simbolicamente, dentre outros objetivos, foram elementos que moviam os sujeitos sociais aqui analisados e contribuiu para que muitos não abandonassem o curso, mas superassem os desafios e os obstáculos impostos ao longo de suas vidas, para assim, ressignificar os capitais sociais e culturais que possam contribuir com a reprodução social das suas maneiras de viver.

Nesse interim, “o perfil delineado para o aluno não se limita mais às habilidades de ler, escrever e contar, mas supõe elaborar conhecimentos novos, analisa-los, organiza-los, planeja-los e interferir no mundo de maneira responsável” (SOUZA *et al.*, 2013, p. 6017).

Referências

- ALMEIDA, Maria. A condição humana e a formação transdisciplinar. **Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia**. Caicó, VII(1), 2014, p. 77 - 92.
- ALVES, Emiliano. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais. **Sociedade e Estado**. Brasília, 23(1), 2008, p. 179-184.
- ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BECKER, Howard. **Observação social e estudos de caso sociais: métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BEAUD, Stéphone; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba, 26, 2006, p. 83-92.
- BRANDÃO, Carlos. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 22 set. 2020.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA JUNIOR, Afrânio. **Terra de trabalho**. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPE/EDUSP, 1974.

“O complexo de si”: limites e aspirações de acadêmicos do curso de Pedagogia ofertado no PA
Luiz Inácio, Paragominas, Pará

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora; Brasília: UNESCO, 2011.

SANTOS, Cleber *et al.* Estudo preliminar do processo de introdução de novas atividades produtivas: o caso da pimenta-do-reino no assentamento Luiz Inácio em Paragominas – PA. **Geoambiente online: Revista eletrônica do curso de geografia**. Jataí, 25, 2015, p.21-41.

SOUZA, Louize *et al.* Diversidade, tradição oral e educação em Mia Couto. In: **Anais do XI Congresso Nacional de Educação; II Seminário de Representações Sociais, Subjetividade e Educação; IV Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente**. Curitiba, p. 6010-6020, 2013. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/9695_6219.pdf >. Acesso em: 12 set. 2020.

WANDERLEY, Maria. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: **Anais do XX Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, p.1-18, 1996. Disponível em: < <https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto-5.pdf> >. Acesso em: 12 set. 2020.

Sobre os autores:

Genisson Paes Chaves

Doutorando e mestre no Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Embrapa Amazônia Oriental. Professor da Secretaria de Educação do município de Parauapebas.

E-mail: paes.paesg@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5091-9523>

Fagner Freires de Sousa

Doutor em Agronomia (Produção Vegetal) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Agriculturas Amazônicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Embrapa Amazônia Oriental. Professor do Instituto Federal do Pará (IFPA).

E-mail: sousa.ffreires@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7379-2078>

Gutemberg Armando Diniz Guerra

Doutor em Socio Economia do Desenvolvimento pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França. Professor do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: gguerra@ufpa.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8122-1141>

Recebido em: 27/09/2020

Aceito para publicação em: 07/10/2020